

A OBRA INICIAL DE FERNANDO TÁVORA: PARA UMA RELEITURA

Fernandes, Eduardo^{1*}

¹ eduardo@eaad.uminho.pt

* Universidade do Minho, Escola de Arquitetura, Artes e Design, Lab2PT

Palavras-chave: Fernando Távora, Obra inicial, Tectónica, Espólio.

Resumo:

Este artigo pretende inserir-se no tópico “O estudo da história da construção” deste 4º Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira, apresentando documentação inédita sobre os primeiros anos da atividade profissional de Fernando Távora, obtida a partir da documentação existente no seu espólio, depositado na Fundação Marques da Silva.

A consulta deste material de arquivo permite perceber que a atividade profissional de Fernando Távora é muito mais extensa do que aquilo que encontramos divulgado nas monografias realizadas com a sua coordenação. Nomeadamente no que diz respeito aos trabalhos realizados nos primeiros anos da sua atividade profissional (1946-54), torna-se surpreendente a quantidade de projetos (alguns deles materializados em obra) que são desconhecidos.

Com o seu estudo é possível fazer uma releitura da evolução da sua prática arquitetónica destes anos, concluindo que esta manifestava um percurso hesitante entre o uso de opções construtivas modernistas e a proposta de soluções mais tradicionais.

Esta iniciativa é financiada pelo Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território, referência UIDB/04509/2020, através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

No início de 2005, ano do falecimento de Fernando Távora, eram apenas conhecidos sete dos projetos que este arquiteto português realizou na fase inicial da sua carreira (1946-54), antes do início do processo de conceção do Mercado de Vila da Feira: o Plano do Campo Alegre (1949), o Bloco da Foz do Douro (1952-54), o Grupo Residencial do Grémio dos Armazenistas (1952-53), a Unidade Residencial de Ramalde (1952-60), a intervenção no Instituto Nun'Álvres (1952-53), o Antepiano de Montemor-o-Velho (1951-61) e um trabalho académico, a “Casa sobre o Mar”, apresentado no seu Concurso de Obtenção do Diploma de Arquiteto (CODA) em 1950.

Não existia qualquer referência à existência de outros projetos, desenhados nestes anos, nas publicações sobre a obra de Távora realizadas com a sua colaboração, como o artigo de Nuno Portas publicado na revista *Arquitectura* em 1961 [1], a monografia *Fernando Távora* [2] da editora Blau (de 1993) e os catálogos das exposições sobre a sua obra realizados em 1993 e 2002.

Em 2005 (poucos meses antes do seu falecimento) foi publicado em Itália o livro *Fernando Távora, Opera Completa* [3] que apresenta uma listagem com todos os processos existentes no seu espólio que, para a época em estudo, apresenta vinte e uma entradas; no entanto, também nesta publicação (na secção “Opere e progetti”) se destacam apenas alguns dos projetos já divulgados anteriormente; do mesmo modo, em 2012, no catálogo da exposição *Fernando Távora, Modernidade Permanente* [4], são apenas publicadas imagens dos sete casos já mencionados.

Em 2011, o espólio de Fernando Távora foi depositado na Fundação Marques da Silva (FIMS), tornando acessível uma grande quantidade de informação inédita e possibilitando uma análise mais aprofundada da sua atividade profissional, que vai muito para além das obras divulgadas nos livros e artigos publicados sobre a sua obra. Isto é particularmente evidente no que diz respeito à sua produção inicial (1946-54), onde existe uma quantidade assinalável de projetos (alguns deles construídos) que são ainda desconhecidos. Com o estudo destes processos (nomeadamente daqueles em que existe documentação consultável) é possível fazer uma releitura da evolução da sua prática arquitetónica.

Neste artigo serão elencados e caracterizados todos os processos existentes no catálogo da FIMS relativos a esta época, sistematizando e aprofundando a pesquisa realizada para o livro *A Escrita do Porto: Construção de uma Identidade* [5], entre 2020 e 2022.

Com a análise da nova informação disponível procurou-se refletir sobre a evolução da produção inicial de Távora, reavaliando o seu percurso; neste ano de 2023, em que se comemora o seu centenário, esta revisita à sua obra parece ser especialmente pertinente.

2 A OBRA INICIAL DE FERNANDO TÁVORA

Classificamos como obra inicial de Fernando Távora toda a produção realizada até 1954, ano em que apresenta o Anteprojecto do Mercado de Vila da Feira, porque consideramos que esta obra abre um novo ciclo na carreira do seu autor: encontramos no seu desenho uma maior maturidade e uma plena correspondência com as ideias expressas nos seus textos, em contraste com o percurso hesitante que manifestava nas obras anteriores. Assim, uma vez que este artigo é dedicado à análise da fase inicial da sua atividade profissional, este processo (FT_022) não será aqui analisado; para um maior desenvolvimento sobre a importância deste projeto na obra do seu autor ver *A Escrita do Porto: Construção de uma Identidade* [5].

Fernando Távora terá começado a desenvolver atividade de projeto ainda estudante, em 1944, mas sobre esta sua produção inicial a informação disponível é muito escassa. São reproduzidos no livro *As raízes e os frutos* alguns excertos dos seus diários, com curtas referências a trabalhos que terão sido desenvolvidos nesta época, de que não existe outro tipo de registo acessível no seu espólio: um jardim para a família Pinho, um arranjo na casa da família Guimarães, uma capela para Sacavém, umas casas para o seu pai e a habitação do Dr. Souza e Silva; este é o primeiro caso em que encontramos referência à construção da obra e ao recebimento de honorários: terá rendido a Távora mil escudos, cobrados em março de 1945 [6].

Existem também referências escritas a estudos realizados como Arquiteto Municipal no Gabinete Técnico da Câmara Municipal do Porto (entre 1948 e 1954), que não se encontram divulgados e de que não existe documentação consultável no seu espólio: um plano para a zona de Carlos Alberto e um estudo de alçados para um quarteirão da rua de Sá da Bandeira [7].

Em relação a todos estes casos, a informação disponível é escassa; assim, é sobretudo pela análise do material existente no seu espólio que é possível visitar com outros olhos a sua obra inicial; embora nem toda a documentação existente seja consultável, a parcela que está acessível é suficiente para acrescentar novos dados ao conhecimento existente.

2.1 As primeiras vinte e uma obras do arquivo da Fundação Marques da Silva.

No espólio de Fernando Távora existem vinte e um processos anteriores ao Mercado de Vila da Feira. O seu trabalho de CODA encontra-se arquivado separadamente (na secção “provas académicas”); por isso, optamos por não incluir neste texto a análise deste trabalho, intitulado «Uma Casa sobre o Mar», que é um projeto sobejamente conhecido a que já dedicamos algumas páginas no livro *Antecedentes: Construção de uma Identidade* [5].

A sua produção inicial pode ser dividida em três etapas: os projetos realizados quando ainda era estudante do curso de Arquitetura da EBAP (1946-1948), a atividade desenvolvida durante o seu tirocínio (estágio obrigatório de dois anos realizado após terminar a parte curricular do Curso Superior de Arquitectura) na Câmara Municipal do Porto (1948-1950) e a obra realizada após maio de 1950, data em que entrega o seu CODA; ressalve-se, no entanto, que Távora continua a desempenhar funções de Arquiteto Municipal no Porto após a conclusão do seu estágio e até ao final do período em estudo.

Os vinte e um processos referidos serão aqui abordados por ordem cronológica, especificando o nome e número do processo respetivo, o tipo de trabalho realizado, a(s) data(s) de elaboração, o nome do requerente e o tipo de informação que existe disponível para cada caso na Fundação Marques da Silva (FIMS) e no Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto (AHCMP). Serão apresentados com mais pormenor os oito casos (FT_01, 02, 03, 04, 05, 06, 10 e 14) em que os projetos são desconhecidos, a intervenção é relevante e existe informação suficiente para a sua análise; sempre que possível, será referido o sistema construtivo.

2.1.1. Casa Diogo Távora (FT_01).

Projeto para construção de uma moradia unifamiliar em lote isolado. Foi construída e ainda existe, na rua das Cruzes (freguesia de Ramalde, Porto), embora tenha sofrido alterações na sua organização interior.

Nas publicações atrás referidas sobre a obra de Távora não existe qualquer informação gráfica ou escrita sobre esta casa, para além da sua menção na lista de projetos publicada no livro editado pela Electa [3].

No processo consultável na FIMS só há uma peça desenhada (a planta topográfica, que explicita a implantação no lote), mas o processo de licenciamento pode ser consultado no Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto (AHCMP 489/ 1946).



Figura 1: Fernando Távora, casa Diogo Távora, plantas e alçados (desenhos de Eduardo Fernandes, a partir de documentação consultada no AHCMP).

A memória descritiva refere como requerente o sócio n.º 50 da sociedade “O Lar Familiar”, Diogo Tavares Ferrão de Castelo Branco (primo de Fernando Távora), e está datada de junho de 1946; é assinada pelo engenheiro Victor dos Santos Almeida, que também assina os projetos de arquitetura e estruturas, aprovados em outubro de 1946; a licença de habitabilidade foi concedida em dezembro de 1948.

A implantação foi condicionada pela diferença de cotas existente entre a rua das Cruzes e a travessa do Outeiro de Ramalde; a casa é construída junto à referida travessa, onde existe uma entrada de serviço, libertando o resto do terreno para criar um jardim; do lado da rua das Cruzes, cerca de dois metros abaixo, situam-se a entrada principal e a garagem. Távora desenhou um percurso em rampa, que se inicia com um pequeno lanço de escadas, para articular a entrada principal com o jardim, mas não é esta solução que se encontra hoje no local (existe apenas uma escada perpendicular ao muro).

No que se refere aos espaços interiores, a planta apresenta uma organização racional, mas conservadora. Os sistemas construtivos aplicados são igualmente tradicionalistas: as paredes exteriores, em alvenaria portante, assentam nos alicerces em perpiano e suportam as vigas de madeira dos pavimentos e as asnas da cobertura em telha, com remate em beiral; os caixilhos também são em madeira. O pavimento dos quartos de banho e a cobertura da garagem (que serve de mirante) são construídos em betão armado, constituindo o único sinal da presença de técnicas construtivas modernas nesta obra.

Os alçados são igualmente tradicionalistas, embora sem qualquer intuito decorativo; essa ausência de “estilo” é enfatizada na memória descritiva, onde se refere a intenção de procurar que as aberturas desenhadas respondam adequadamente às necessidades de iluminação interior dos diferentes espaços.

2.1.2. Casa da rua do Vilar (FT_02).

Projeto não construído para construção de um edifício com duas lojas e três apartamentos sobrepostos, em lote urbano. Nas publicações atrás nomeadas não existe qualquer informação sobre esta obra, para além da sua menção na já referida listagem [3]; no processo consultável na FIMS existem desenhos que permitem analisar o projeto (plantas, cortes e uma perspetiva).

O processo de licenciamento (AHCMP 5338/1947) pode ser consultado no Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto e apresenta como requerente Alcinda Faria Guimarães. O projeto está assinado pelo engenheiro Bernardo Ferrão (irmão de Távora)

e foi apresentado em fevereiro de 1947; o alçado apresenta um carimbo de aprovação pela Comissão de Estética datado do mês seguinte, mas não existe no processo menção à atribuição do respetivo alvará de construção. O processo é arquivado em abril de 1949 sem que a obra tenha sido realizada.

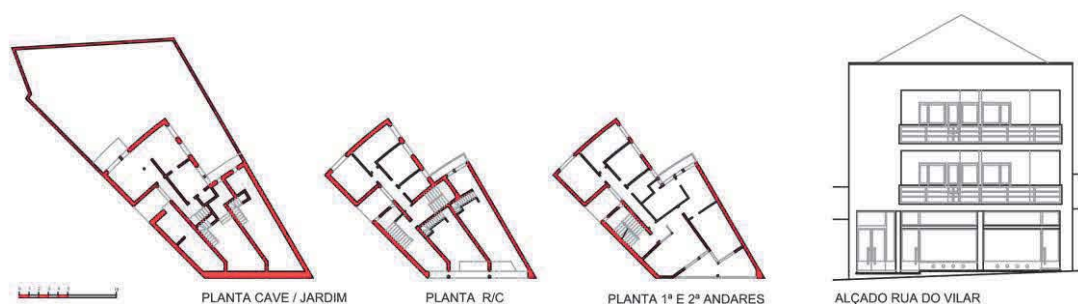


Figura 2: Fernando Távora, casa da rua do Vilar, plantas e alçado (desenhos de Eduardo Fernandes, a partir de documentação consultada no AHCMP e na FIMS).

Contrariamente ao que acontece no caso anterior, neste projeto existe uma clara vontade de experimentar novas linguagens e processos construtivos modernos, assumidos na memória descritiva: “houve o cuidado de não atraíçar nem o partido estético nem o modo de construção adoptados; daí que, no alçado principal, se tenha procurado dar o merecido relevo aos elementos de betão armado sem o qual seria impossível realizar o projectado arranjo de planta”.

São notórias as dificuldades do autor na resolução dos espaços interiores, face à complexidade do programa solicitado e à geometria irregular do lote. O alçado principal mostra uma maior clareza de intenções: um volume paralelepípedo de arestas vivas (cuja platibanda esconde a cobertura inclinada), com varandas reentrantes, numa solução que lembra a linguagem de Adolf Loos.

2.1.3. Creche em Tomar (FT_03).

Projeto não construído para construção de uma Creche para a Companhia da Fábrica de Fiação de Tomar, realizado em colaboração com Fernando Lanhas. Não existe qualquer informação publicada sobre este projeto, para além da sua menção na já referida listagem [3]; na FIMS podem ser consultados alguns desenhos que permitem analisar a evolução da proposta (plantas, cortes e perspetivas).

Não é possível avaliar com rigor o sistema construtivo proposto, embora os desenhos existentes tornem claro que se trata de uma abordagem modernista, tirando partido plástico da utilização de elementos em betão armado; isto é evidente no pórtico que marca a entrada e na laje assente em pilares soltos que acompanha o alçado das salas de aula.

Documentação escrita permite datar este processo entre 1946 e 1947.

2.1.4. Casa do Eng. Afonso Pinheiro Torres (FT_04).

Projeto realizado em colaboração com Fernando Lanhas para uma moradia unifamiliar em lote isolado, situado no gaveto das ruas de Gondarém e Pero da Covilhã, no Porto. Foi construída, tendo sido recentemente demolida. Não existe qualquer informação publicada sobre esta obra, para além da sua menção na já referida listagem [3].

Na FIMS existem cópias do processo de licenciamento, que também pode ser consultado no arquivo histórico da Câmara Municipal do Porto (processo 642/1948): o projeto de arquitetura, datado de abril de 1948, está assinado pelo engenheiro Bernardo

Ferrão, tal como os projetos de especialidades; em abril de 1949 é apresentado um aditamento, inicialmente reprovado pelo Conselho de Estética Urbana, mas aprovado em setembro do mesmo ano, após a visita à obra do técnico municipal.



Figura 3: Fernando Távora, casa Afonso Pinheiro Torres, plantas e alçado do projeto de 1948 (desenhos de Eduardo Fernandes, a partir de documentação consultada no AHCMP e na FIMS).

Os pavimentos foram projetados em laje de betão armado, apoiadas em paredes portantes de pedra; o telhado é suportado por estrutura de madeira, material que é também usado em todas as caixilharias.

O desenho dos alçados não apresenta nenhum sinal de modernidade, mas também não exprime qualquer intenção decorativa. O aditamento apresentado em 1949 altera a posição da garagem e modifica consideravelmente o desenho das fachadas, atenuando o seu carácter tradicionalista: o patamar de entrada perde a anterior imagem de alpendre, deixam de existir portadas nas janelas e há uma menor variedade no desenho dos vãos.

2.1.5. Casa em Carapeços, Barcelos (FT_05).

Projeto para remodelação e ampliação de casa pré-existente em ambiente rural, propriedade de Luciana Gaspar situada na freguesia de Carapeços, Barcelos; foi desenvolvido com a colaboração do irmão de Távora, o engenheiro Bernardo Ferrão, e terá sido construído.

Não existe qualquer informação publicada sobre esta obra, para além da sua menção na já referida listagem [3]; no seu espólio não existe um projeto completo, mas os desenhos arquivados permitem perceber os traços gerais da proposta, que amplia substancialmente a casa pré-existente; documentação escrita permite situar o processo em 1948.

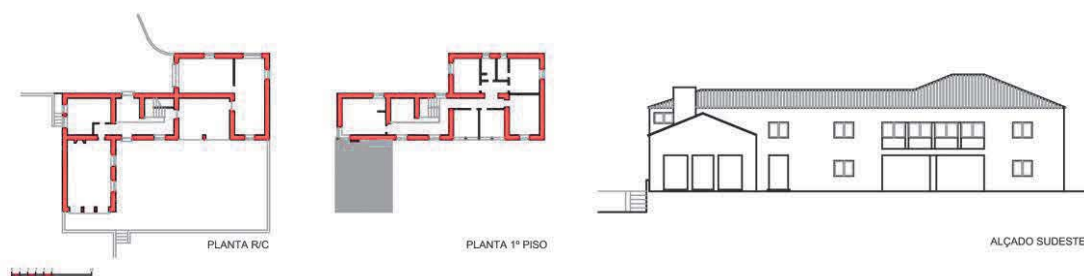


Figura 4: Fernando Távora, casa em Carapeços, Barcelos, plantas e alçado (desenhos de Eduardo Fernandes, a partir de documentação consultada na FIMS).

Da ampliação projetada resulta uma implantação em L que abraça um pequeno pátio. O projeto procura manter o carácter rural da pré-existência, em harmonia com as características do sítio; os desenhos sugerem paredes de pedra à vista em todas as fachadas;

o alçado sudeste apresenta duas aberturas sobrepostas de grandes dimensões, que parecem indicar a utilização de vigas em betão armado.

2.1.6. Plano Parcial de Urbanização entre as Avenidas da Boavista e Marechal Gomes da Costa (FT_06).

Este processo integra-se nos trabalhos realizados pelo autor em estudo durante o seu tirocínio no Gabinete Técnico da Câmara Municipal do Porto. Não existe qualquer informação publicada sobre este plano, para além da sua menção na já referida listagem [3]; também não existe documentação consultável no seu espólio.

No arquivo histórico da Câmara Municipal do Porto existe um processo (AHCMP – D – CMP/4-70) que faz parte deste plano, referente ao desenho da praça Dom Afonso V.

Este projeto, de outubro de 1949, está assinado por Távora e foi parcialmente realizado: define os volumes, cêrceas e alinhamentos das construções que conformam a futura praça, desenhando um espaço público que corresponde ao que hoje encontramos no local. O plano não apresenta desenhos de alçado (embora determine a obrigatoriedade de existência de um pórtico virado à praça, no piso térreo) nem imposições de sistemas construtivos ou de linguagem arquitetónica, apenas define o programa dos edifícios a construir: rés-do-chão comercial e habitação ou escritórios nos pisos superiores.

2.1.7. Plano Parcial de Urbanização do Campo Alegre (FT_07).

Este plano também foi realizado por Távora durante o seu estágio na Câmara Municipal do Porto; contrariamente ao caso anterior, foi amplamente divulgado, com várias imagens reproduzidas nas monografias dedicadas à sua obra.

A consulta do seu espólio não permite acrescentar nada de relevante em relação ao material que já está publicado; é uma proposta radicalmente moderna, com evidentes influências de Corbusier, que não poderia ser realizada no Porto, nesta época, dado o contexto político português.

2.1.8. Recuperação de Prédio na rua Mártires da Liberdade, no Porto (FT_08).

Projeto para remodelação interior de andar em edifício pré-existente, propriedade de Maria Ana de Jesus Leite Pereira de Bourbon e Távora. Obra terá sido realizada, desconhece-se o estado atual.

Não existe qualquer informação publicada sobre esta intervenção, para além da sua menção na já referida listagem [3]; também existe pouca documentação consultável no seu espólio. Intervenção parece ser pouco relevante, um conjunto de pequenas alterações de caráter técnico. Documentação escrita permite datar este processo entre 1948 e 1949.

2.1.9. Plano de Urbanização de Peso da Régua (FT_09).

Não existe qualquer informação publicada sobre este plano, para além da sua menção na já referida listagem [3]; também não existe documentação consultável no seu espólio. Ficha de arquivo da FIMS refere 1948 como data de produção e classifica-o como não realizado.

2.1.10. Habitação Carlos Moreira Dias, Águas Santas, Maia (FT_10).

Projeto para remodelação e ampliação de uma moradia unifamiliar pré-existente em lote isolado. Foi construída e ainda existe, mas foi recentemente remodelada para adaptação a nova função (infantário).

Não existe qualquer informação publicada sobre esta obra, para além da sua menção na já referida listagem [3]; embora não exista um projeto completo no espólio de Távora,

desenhos existentes permitem perceber genericamente a proposta, que amplia substancialmente a casa pré-existente e propõe novos arranjos exteriores. A documentação escrita permite situar o processo em 1949.



Figura 5: Fernando Távora, casa Carlos Moreira Dias, Maia, fotografias do estado atual (Eduardo Fernandes).

Da ampliação resulta uma casa com implantação em T, que cria três espaços exteriores comunicantes (dois pátios do lado da rua e um jardim nas traseiras, a uma cota mais alta). A proposta apresenta uma solução convencional, que se procura enquadrar no ambiente rural do sítio, sem qualquer decorativismo no desenho, mas também sem nenhuma pretensão de modernidade; neste contexto, destacam-se o desenho da escadaria de pedra do pátio principal, organizada em dois lanços (em L), e o pórtico das traseiras, aberto para o jardim. A fachada de topo, virada para a estrada e construída na continuidade dos muros existentes, não tem qualquer abertura, uma solução que remete para a arquitetura vernacular portuguesa, mas também pode ser relacionada com duas referências eruditas: a casa Cogollo, de Palladio (Vincenza, 1559), e a casa Schwob, de Corbusier (Chaux-de-Fonds, 1916).

2.1.11. Casa Manuel Trepa, Vila Nova de Famalicão (FT_11).

Não existe qualquer informação publicada sobre esta casa, para além da sua menção na já referida listagem [3]; também não existe qualquer documentação consultável no seu espólio. A ficha de arquivo da FIMS refere 1949 como data do projeto e classifica-o como recuperação de habitação pré-existente, realizada.

2.1.12. Casa Francisco Tavares em Mogofores, Anadia (FT_12).

Projeto para remodelação interior numa casa pré-existente. Obra terá sido realizada, desconhece-se o estado atual.

Não existe qualquer informação publicada sobre este projeto, para além da sua menção na já referida listagem [3]. Existe alguma documentação no seu espólio, que sugere que a intervenção terá sido pouco relevante; os desenhos consultados referem-se a arranjos interiores: cozinha, wc, escadas, uma janela e uma cornija. Documentação escrita permite situar este processo em 1950.

2.1.13. Casa Bernardo Távora em Anadia (FT_13).

Não existe qualquer informação publicada sobre esta obra, para além da sua menção na já referida listagem [3]; também não existe qualquer documentação consultável no seu espólio. Ficha de arquivo da FIMS refere 1951 como data de produção e classifica-a como não realizada.

2.1.14. Ampliação de Prédio no Largo dos Loios, no Porto (FT_14).

Projeto para remodelação interior e ampliação (no último piso) em prédio urbano pré-existente. Não existe qualquer informação publicada sobre esta obra, para além da sua menção na já referida listagem [3]. Não foi possível consultar o processo de licenciamento no AHCMP mas no seu espólio existe informação suficiente para perceber a proposta.

A cliente, Maria Regina Pinto Leite, dispensou os serviços de Távora por atrasos na entrega de desenhos, em 1955, quando a obra já estava em construção. A memória descritiva (assinada por Bernardo Ferrão, em dezembro de 1951) refere as obras a realizar: construção de uma nova escada em betão armado, beneficiação do exterior do prédio, realização de obra interior com construção de instalação sanitárias, demolição de andar recuado e construção de novo. O que se encontra hoje no local parece corresponder em grande parte ao que foi projetado.



Figura 6: Fernando Távora, ampliação de prédio no largo dos Loios, no Porto, fotografias do estado atual (Eduardo Fernandes).

Esta intervenção, em pleno centro histórico do Porto, colocava questões patrimoniais de grande delicadeza, porque a ampliação que se propunha realizar no último piso teria grande visibilidade a partir do largo. O desenho de Távora procura enquadrar-se na imagem exterior da envolvente, seguindo os mesmos princípios das ampliações congêneres, realizadas em séculos anteriores.

2.1.15. Antepiano de Montemor-o-Velho (FT_15).

Plano de ordenamento de uma vila do distrito de Coimbra. Nas primeiras monografias publicadas sobre a sua obra existe uma única referência a este plano, na listagem de obras e projetos do livro da Blau [2]; teve maior destaque mais tarde, no catálogo da exposição *Modernidade Permanente* [4]. A documentação consultável no seu espólio é muito completa, com cópias de todo o relatório entregue, que apresenta como preocupações principais a preservação e valorização dos valores patrimoniais da vila.

Trabalho inicia-se em 1951, com colaboração de Alberto Neves; antepiano foi entregue em 1959, mas não foi implementado. Existe no processo um despacho ministerial (de março de 1961) que faz depender a aprovação deste Antepiano de um conjunto de obras nas margens do rio Mondego.

2.1.16. Grupo Residencial do Grémio dos Armazenistas, em Ramalde, Porto (FT_16).

Projeto para doze conjuntos de quatro casas unifamiliares geminadas (com dois pisos) intercaladas por dois edifícios de habitação coletiva (com três pisos). Foi realizado e ainda existe, na rua Aarão de Lacerda, mas as casas sofreram bastantes alterações; hoje, numa visita ao sítio, é difícil perceber a imagem original do conjunto.

Esta urbanização é mencionada (e ilustrada com uma imagem) na listagem de obras e projetos realizada no final da monografia editada pela Blau [2] e abordada com mais destaque no catálogo da exposição *Modernidade Permanente* [4]. No processo arquivado na FIMS existem desenhos que permitem completar a informação já publicada; a documentação escrita permite situar este processo entre 1952 e 1953.

O desenho deste bairro, tal como seu sistema construtivo, é claramente moderno, em consonância com o desenho racional das plantas.

2.1.17. Unidade Residencial de Ramalde (FT_17).

Este projeto de um bairro de habitação económica foi realizado por Távora como arquiteto municipal, no Gabinete Técnico da Câmara do Porto. O bairro está construído e apresenta-se hoje com poucas alterações em relação ao projeto inicial.

Foi amplamente divulgado nas monografias dedicadas à sua obra; a consulta do seu espólio não permite acrescentar nada de relevante em relação à informação que está publicada, no que se refere à linguagem e às questões construtivas; a documentação escrita permite situar este processo entre 1952 e 60.

A implantação estava condicionada por um Plano Parcial existente. Tal como no caso anterior, que se situa na mesma rua Aarão de Lacerda, este bairro apresenta um desenho claramente moderno, com organização racional das plantas; Távora tira partido das potencialidades do uso do betão armado em alguns pormenores construtivos, nomeadamente nas varandas e nas palas em consola que assinalam as entradas.

2.1.18. Bloco da Foz do Douro (FT_18).

Projeto de um bloco habitacional (rés-do-chão, três pisos e um recuado) integrado em frente urbana contínua; foi realizado por Fernando Távora para Eugénio Machado Pereira Pinto Leite, com a colaboração de Fernando Lobato Guimarães, entre 1953 e 1955.

Foi amplamente divulgado nas monografias dedicadas à sua obra; a consulta do seu espólio permite perceber a história do projeto, da primeira proposta (junho de 1953) aos sucessivos aditamentos, que conduziram à solução (menos interessante) que foi construída. O desenho deste edifício, tal como o seu sistema construtivo, é claramente moderno, contrastando fortemente com os edifícios que existiam na sua envolvente, na época; hoje este contraste já não existe, porque os lotes vizinhos também foram ocupados com construções recentes.

2.1.19. Instituto Nun'Álvres, em Santo Tirso (FT_19).

Projeto para remodelação interior (motivada por um incêndio) de edifício de instituição de ensino, realizado com a colaboração de Fernando Lobato Guimarães, em 1952.

Este projeto é referido na listagem de obras e projetos realizada na monografia da Blau [2], mas já tinha sido abordado com bastante destaque no artigo de Nuno Portas na revista *Arquitectura* [1]; no catálogo da exposição *Modernidade Permanente* [4] são publicadas imagens inéditas. Projeto está bem documentado no seu espólio, com muitas peças desenhadas; na intervenção, destaca-se o desenho da capela e da biblioteca.

2.1.20. Conjunto de “moradias para pobres” na rua da Torreira, Porto (FT_20).

Projeto de bairro de habitação económica, realizado para a Câmara Municipal do Porto.

Não existe qualquer informação publicada sobre esta obra, para além da sua menção na já referida listagem [3]; também não existe qualquer documentação consultável no seu espólio. Ficha de arquivo da FIMS refere 1963 como data de projeto e classifica-o como

“habitação mínima, experimental”, referindo que foi construído e posteriormente demolido.

2.1.21. Plano regulador do Monte da Assunção em Santo Tirso (FT_21).

Plano realizado para a Câmara Municipal de Santo Tirso. Não existe qualquer informação publicada sobre esta obra, para além da sua menção na já referida listagem [3]; também não existe qualquer documentação consultável no seu espólio. Ficha de arquivo da FIMS refere 1953 como data de projeto e classifica-o como não realizado.

2.2 Síntese da pesquisa realizada.

Na monografia editada pela Blau [2], primeiro livro publicado sobre a obra de Fernando Távora, realizado com a sua coordenação, foi dado destaque a apenas três projetos, entre os vinte e um processos existentes no seu espólio realizados entre 1946 e 1954: o Plano do Campo Alegre, o Bloco da Foz do Douro e a Unidade Residencial de Ramalde; na mesma publicação, há mais três trabalhos que são mencionados, com muito menos destaque, na listagem de obras e projetos realizada nas páginas finais: o Grupo Residencial do Grémio dos Armazenistas, a intervenção no Instituto Nun'Álvres e o Anteplano de Montemor-o-Velho.

É evidente que foram apenas divulgados (tanto nesta publicação como nas seguintes, já referidas) os projetos mais bem conseguidos, cuja linguagem permite ao seu autor afirmar-se como um arquiteto modernista. Em relação a todos os restantes, parece evidente que o seu autor nunca teve vontade de dar a conhecer a sua existência. No entanto, o facto de subsistirem no seu espólio estes arquivos (não tendo sido destruídos) permite acreditar que também não as renegava; não querendo divulgar essas obras em vida, parece ter querido legar aos futuros estudiosos da sua obra o material necessário para que a evolução da sua atividade profissional fosse analisada de forma completa.

Assim, dos vinte e um processos listados no seu espólio, quinze eram perfeitamente desconhecidos quando este foi tornado público; em dois destes casos a intervenção parece ser pouco relevante (Recuperação de Prédio na rua Mártires da Liberdade e Casa Francisco Tavares) e em cinco a documentação que está consultável no seu espólio é insuficiente para analisar o projeto (Plano de Urbanização da Régua, Casa Manuel Trepa, Casa Bernardo Távora, Moradias para Pobres, Plano do Monte da Assunção), mas nos restantes oito existe documentação (na FIMS ou no AHCMP) que permite a sua compreensão, total ou parcial.

Entre estes oito processos documentados, relevantes e desconhecidos, podemos distinguir as moradias desenhadas em lote livre (as casas Diogo Távora e Afonso Pinheiro Torres, ambas construídas), da proposta de uma nova construção num lote já ocupado (edifício na rua do Vilar, não construído), das ampliações de casas pré-existentes realizadas em contexto rural (Luciana Gaspar, em Carapeços, e Carlos Moreira Dias, na Maia) e da intervenção em prédio situado em contexto urbano histórico (largo dos Loios); para além destes casos, todos com programa habitacional, surgem ainda dois projetos de tipologia diferente, a Creche de Tomar e o plano para a praça Afonso V. Se neste último caso as questões construtivas e de linguagem não se colocavam, na maior parte dos restantes encontramos uma atitude conservadora, com processos construtivos tradicionais, onde a integração pontual de técnicas modernas não altera significativamente a linguagem, que procura integrar a nova construção no ambiente do sítio. As exceções a este conservadorismo são os casos do edifício da rua do Vilar (no alçado principal) e da Creche de Tomar, ambos projetados para uma zona urbana consolidada, onde Távora procurou

desenvolver uma abordagem modernista; curiosamente, em ambos os casos o desenho não foi concretizado em obra.

3 CONCLUSÕES

Com este artigo, pretende-se contribuir para uma releitura da evolução da prática arquitetónica inicial de Fernando Távora. A primeira conclusão que se tornou evidente é que esta manifestava um percurso hesitante entre o uso de opções construtivas modernistas (nas obras divulgadas pelo seu autor) e a proposta de soluções mais tradicionalistas, que eram desconhecidas até o seu espólio ser tornado público.

Parece evidente que estas hesitações estão relacionadas com uma atitude de respeito pela preexistência ou pelo carácter da envolvente; o conservadorismo de algumas destas obras deve-se sobretudo a um desequilíbrio momentâneo na relação entre os dois polos que dominam o seu desenho: os impulsos de modernidade e a relação com o sítio.

Se nas casas Diogo Távora, Pinheiro Torres, Luciana Gaspar e Moreira Dias, e na intervenção no largo dos Loios, a relação com a envolvente inibe o desenho, na Creche de Tomar, no seu CODA, no Bloco da Foz e nos dois projetos para Ramalde sobrepõe-se a vontade de modernidade; o exemplo da rua do Vilar, desenhado por um jovem estudante ainda muito inexperiente, é paradigmático destas hesitações: umas plantas conservadoras com um alçado modernista.

Ressalve-se, no entanto, que as obras mais tradicionalistas de Távora se encontram sobretudo na primeira fase deste período inicial, antes de apresentar o seu projeto de diploma; depois, são as experiências mais modernistas que dominam o seu trabalho.

Assim, parece evidente que as hesitações do percurso que realiza nestes anos constituíram uma importante etapa de aprendizagem que conduziu ao difícil equilíbrio entre modernidade e herança vernacular que se manifesta na sua obra posterior, e começa a ser perceptível no mercado de Vila da Feira.

REFERÊNCIAS

- [1] Portas, N. 1961. “Fernando Távora: 12 anos de Actividade Profissional”. *Arquitectura*. (71), 11-34.
- [2] TÁVORA, Fernando (Luiz Trigueiros, ed.). 1993. *Fernando Távora*. Ed. BLAU, Lisboa, Portugal.
- [3] ESPOSITO, António and LEONI, Giovanni. 2005. *Fernando Távora, Opera Completa*. Electa, Milano, Italia.
- [4] BANDEIRINHA, José António (Coor.). 2012. *Fernando Távora, Modernidade Permanente*. Catálogo da Exposição. G2012CEC / ACA / FFT / FIAJMS / FCG, Guimarães, Portugal.
- [5] FERNANDES, Eduardo. 2023. *A Escrita do Porto: construção de uma identidade*. Fundação Marques da Silva / Afrontamento / Lab2PT, Porto, Portugal.
- [6] MENDES, Manuel. 2020. *As raízes e os frutos. Tomo I.I «O meu caso. Arquitectura, imperativo ético do ser, 1937-47»*. FIMS, FAUP, U. Porto Press, Porto, Portugal.
- [7] Mendes, M. 2005. “Ah, che ansia umana di essere il fiume o la riva!”. ESPOSITO, António and LEONI, Giovanni. 2005. *Fernando Távora, Opera Completa*. Electa, Milano, Italia.